

Terça-feira, de manhã - Acordei com sede, boca seca, cansado. Acabei de acordar e já estou cansado. Que merda. Também, antes de dormir, tomei umas cervejas. Muitas e sozinho. Tô enferrujado. Tô velho. Tô na merda.

Não sei por que estou escrevendo essas porras aqui. Apenas tô com vontade. Não quero deixar nada para posteridade, nada dessas viadagens. Acho que é porque eu li o livro daquele viadinho, o Otávio. Mas o que é que uma coisa tem a ver com a outra? Porra nenhuma. Tô ficando louco.

Quinta-feira, quase noite - Estou aqui em casa, o dia inteiro, sem fazer porra nenhuma. Tá um saco. Não saí para nada. No máximo fui até a padaria e comprei mais cervejas. Quase escrevi "cervejas" com "s". Sou muito burro. Há quanto tempo não escrevo nada? Acho que desde o colégio. Ou seja, desde quando minha vó era virgem. Quando entrei para a polícia, só escrevia os relatórios e que nem a minha cara. Eu quero só ocupar a minha cabeça para não fica maluco de vez. Tá foda.

Vi TV, comprei o jornal, tentei fugir das páginas policiais, mas não consegui. Nenhuma pista sobre o paradeiro de Otávio nem Clara. Sobre mim, o de sempre. Sou o safado, o corrupto, o vigarista. A corda sempre arrebenta do lado mais fraco. Eu deveria ter imaginado isso.

Sábado, meio-dia - Estava pensando sobre a polícia. Incrível como eu, antes de entrar, imaginava uma vida completamente diferente da realidade. Eu fui muito garoto. Não sabia nada da vida. Era um moleque, inocente, eu tinha o coração bom. Eu não era igual aos outros pés-rapados da delegacia. Eu tive alternativa. Podia ter tentado fazer uma faculdade, até mesmo ser delegado. Mas não. Fui burro. Dei mole. Fiquei com medinho e não fiz porra nenhuma. Pensei que não seria aprovado no vestibular, ou não conseguiria terminar o curso. Depois, se ainda passasse na faculdade, se acabasse a faculdade, eu tinha medo de não passar no concurso público para delegado. Eu não sou muito bom com provas. Fico nervoso. Mas até hoje acho incrível como fui tão inocente... Como pude ser ingênuo a ponto de acreditar que teria uma vida boa na polícia? Eu mesmo me impressiono com quem eu fui e com quem eu sou agora. É como se eu tivesse ido para a guerra.

Domingo, quase madrugada de segunda - Peguei o carro e atravessei o túnel sem motivo. Ou melhor, eu sei o motivo. Só não gosto de admitir. Mas como ninguém vai ouvir essas merdas... Queria de alguma maneira voltar para o meu caso, o caso do Otávio. Escolhi ir para o bairro onde a vó dele mora. Assim me sentiria mais, mais... Vivo...

Parei num bar, melhor, num boteco, numa rua que desemboca na praia. Rolava um sambinha bom, parei de longe, pedi uma cerveja e fiquei observando, me divertindo. Sem querer, em poucos minutos, estava pensando nela, em Clara. Não é nada de paixonite aguda, não. Não tem nada a ver com isso. Apenas queria entender tudo o que aconteceu. Eu sei que ela só me enganou, nunca disse uma verdade, mas não consigo ter raiva dela. Ela sempre foi muito simpática comigo. Nunca me falou uma verdade, mas parecia tão verdadeiro o que nós conversávamos... E ela não aparece no livro de O. O. Por que será? Será que ele queria preservá-la? Ou ela seria verdadeira demais para uma história dessas? Tô viajando. Acho que bebi demais.

---